

O gestor da escola pública



Marcelo Freitas*

No final do ano passado, uma pesquisa muito interessante sobre o perfil do gestor da escola pública foi veiculada pela Fundação Victor Civita. Conduzida pelo Ibope, esta publicação teve como principal objetivo, segundo suas próprias palavras, “*levantar características, percepções e opiniões dos diretores escolares brasileiros, além de prover um retrato deste gestor e uma investigação da sua relação com a Educação*”.

Ao ler a referida pesquisa, alguns pontos me chamaram a atenção e, creio eu, ajudam a deslindar parte das dificuldades encontradas na

melhoria da educação do país. Um dos primeiros itens dessa pequena lista está ligado à classe social à qual pertence a maioria dos dirigentes educacionais que participaram da amostra. 86% deles pertencem às classes A ou B. Isso arranha a tese de que não detêm recursos para investir na sua capacitação ou de que dependem de terceiros para buscar a melhoria da sua qualificação profissional.

Essa qualificação, entretanto, apresenta diversas facetas que não só a formação acadêmica. Uma delas diz respeito à “bagagem profissional”. Segundo a

pesquisa, embora tenham uma experiência média como diretor de escola em torno de 7,9 anos, quase 50% da amostra têm menos de 5 anos na função. Em qualquer atividade gerencial, como todos sabem, a vivência é um importante fator de sucesso.

Tal situação poderia ser atenuada caso essa bagagem fosse adquirida em outros segmentos ou o profissional tivesse formação em outras especialidades que não a educação, antes de ser alçado à direção da escola. Entretanto, a pesquisa mostra que o contingente de profissionais com formação

Perfil dos Gestores

86% Pertencem às classes A ou B

84% Foram alçados à função através de eleição ou de concurso público

50% Têm menos de 5 anos na função

40% Não tiveram uma preparação inicial na graduação para o exercício da gestão da escola

básica em administração, por exemplo, é de apenas 7%, sendo a grande maioria formada em pedagogia, letras e correlatas. Isso leva à dedução de que a vivência dos diretores provém da sala de aula, e não de funções executivas. Existe uma grande diferença entre o manejo da sala de aula e a direção de uma empresa como a escola. Esse conhecimento prático é agravado considerando a falta de embasamento conceitual, constatado pela pesquisa. Quase 40% afirmam que não tiveram uma preparação inicial na graduação para o exercício da gestão da escola.

Não é por acaso, portanto, que as grandes redes de ensino do setor privado estão voltando suas baterias para a busca de executivos em outros setores da economia. Perceberam a necessidade de mudanças na raiz, a partir da introdução de novos paradigmas.

Outro fato apresentado pela pesquisa lança mais lenha na fogueira. A maior parte dos entrevistados (84%) relata ter sido alçada à função através de eleição ou de concurso público. Ao contrário da maioria esmagadora das empresas, que seleciona seus executivos pela via da competência, as escolas públicas têm nessas duas modalidades o principal critério de nomeação dos seus dirigentes. Ser o mais popular não significa, necessariamente, ser o mais competente, muito embora 16% dos entrevistados entendam que, por esse critério, é assegurado o preparo técnico para a função, sabe-se lá como chegaram a essa conclusão.

A pesquisa avança, mostrando que a maioria trabalha, em média,

49,75 horas semanais, estendendo suas atividades por 2,45 finais de semana por mês, em média. Nada de diferente em relação a funções similares em outros segmentos da economia. Embora trabalhem bastante, entretanto, apenas 17% dos diretores entrevistados declaram-se valorizados pela sociedade. É evidente que isso se reflete no nível de satisfação no cargo, e a pesquisa corrobora essa afirmação. Apenas 43% desses executivos educacionais declaram-se satisfeitos no trabalho. Pergunto: Como obter os melhores resultados da equipe se o líder não se sente feliz no desempenho da função?

Analisando possíveis causas dessa baixa satisfação, as políticas de recursos humanos adotadas pelo segmento são gargalos a ser alargados. Enquanto o sistema de progressão na carreira e o reconhecimento pelo mérito são apontados como fatores de insatisfação pela grande maioria dos profissionais, a remuneração é o fator que desponta como o aspecto mais negativo. Apenas 5% declaram estar totalmente satisfeitos com os critérios de remuneração e benefícios da função. Ou seja, para a melhoria da gestão das escolas públicas é preciso, urgentemente, rever critérios e políticas em relação a esse tema.

Ainda no quesito insatisfação, outro item declarado pelos diretores é a falta de profissionalismo do

corpo docente da rede pública, característica fartamente conhecida pela sociedade brasileira em virtude das longas paralisações e os frequentes atestados médicos apresentados para cobrir extensos períodos de faltas ao trabalho.

Uma última consideração, embora várias outras possam ser feitas a partir da pesquisa. Dentre as coisas que mais me preocuparam ao ler o estudo foi ver que os diretores das escolas públicas creditam as notas baixas dos alunos ao governo (48%), em primeiro lugar; seguido da comunidade (16%); do professor (13%); do aluno (9%); e da escola (7%). Fiquei

Em qualquer atividade gerencial, como todos sabem, a vivência é um importante fator de sucesso.

pasnado. A falta de visão crítica sobre si mesmo já dá mostras de como a gestão da educação precisa, urgentemente, rever seus métodos, processos e premissas.

E você, o que acha? Caso queira partilhar conosco seus pontos de vista, entre em contato comigo ou visite o nosso blog:

marcelofreitas@escolaresponsavel.com
www.viadeatos.blogspot.com

Será um prazer! ■

*Consultor da Linha Direta, diretor da Corporate Gestão Empresarial, coordenador-geral do Movimento Escola Responsável e consultor em Gestão Estratégica e Revitalização Institucional

marcelofreitas@linhadireta.com.br